

Del Priore, Mary. Histórias do cotidiano. São Paulo, Contexto, 2001. 127pp.

*Maria Helena da Nóbrega**

Nesta obra, Mary Del Priore trata de temas do cotidiano e busca neles a simplicidade por vezes ignorada. Assim, ela afasta-se de assuntos novos e inusitados, tão caros à academia, e opta por uma conversa com o leitor sobre as banalidades do cotidiano. Claro que sua formação como historiadora, com doutorado realizado na Universidade de São Paulo, permeia esse diálogo, mas o fato é que o texto, liberto das imposições que o discurso acadêmico impõe, toca o leitor mais de perto, dialoga com ele e o conduz a um passeio em meio a reflexões que são também históricas, embora não sejam herméticas tampouco enfadonhas.

O estilo redacional, portanto, é o primeiro aspecto positivo deste livro. Conversando com o leitor, a autora situa a história não como algo distante dele, mas faz com que o leitor aproxime-se da história e sinta-se sujeito que interfere na construção dela, e não mero observador passivo. O desejo de conscientização do leitor explicita-se em vários momentos da obra, por exemplo:

"Falo mal da *Barbie* para lembrar a mães, educadoras, psicólogas e professoras que somos responsáveis pela construção da subjetividade de nossas meninas. Mas a futilidade de *Barbie* não exclui a sua utilidade de lembrarmos que temos de lutar por valores melhores do que o dinheiro ou de desejarmos para nossas filhas outra coisa que tornar-se simples mulher-objeto." (p.47)

Atenta à construção de uma sociedade melhor, a autora envolve o leitor em seu projeto e essa posição de agente compele-o à leitura, que será vivida de forma participativa e prazerosa.

A capa já prenuncia essa relação de prazer que ocorrerá entre o leitor e o livro. Vemos uma jovem num ambiente calmo, bucólico, comodamente sentada e completamente absorta na leitura de um livro. Trata-se de reprodução da obra *Leitura* (1892), de José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899), um dos pintores brasileiros do século XIX mais reverenciados pela crítica. José Ferraz de Almeida Júnior estudou na Academia de Belas

Artes do Rio de Janeiro e depois em Paris, onde teve seus estudos custeados pelo Imperador D. Pedro II. Sua produção artística inclui obras históricas, religiosas e regionalistas.

Essa temática variada é um ponto em comum entre o pintor e a autora, que já produziu 14 publicações, dentre elas **Ao sul do corpo, maternidade e mentalidade no Brasil colonial** e **Corpo a corpo com a mulher**. Outra similaridade entre o pintor e a autora provém do fato de a inspiração de ambos ser sempre motivada pelo amor às coisas brasileiras. Em ambos temos um retrato, pictórico ou verbal, dos temas que integram a realidade brasileira.

Dessa forma, a escolha desse quadro para figurar na capa do livro revela que tudo é intencional na produção de Mary Del Priore, tudo é fruto de muito trabalho e de muitas escolhas cujo resultado traduz-se na estrutura bem organizada do livro.

Os cinco capítulos da obra discutem as seguintes temáticas:

- 1) corpo;
- 2) família;
- 3) convívio;
- 4) mulher;
- 5) crianças, jovens e velhos.

Cada capítulo é prenunciado por ilustrações que caracterizam o tema. Esse recurso visual e a diagramação também ajudam a seduzir o leitor.

Os diálogos que a autora mantém com o leitor aproximam-no do cotidiano, mas distanciam-no de reflexões infundadas. Alicerçada em rigorosa formação, Mary Del Priore respalda suas observações citando vários representantes franceses (Philippe Perrot, Marcel Mauss, Jacques Vèron, Simone de Beauvoir, Elizabete Badinter) e também pessoas da nossa terra (Gilberto Freyre, Emanuel Araújo, Roberto Da Matta, Tobias Barreto, Manoel Bonfim, Raimundo Faoro).

Por conseguinte, a autora alcança o objetivo que tem sido fortemente cobrado dos pesquisadores na atualidade: divulgar o conhecimento científico para o grande público, escrever de forma a ser compreendido não apenas entre os pares, mas entre os leitores comuns. A resistência de alguns pesquisadores aumenta o feito, pois mostra a coragem da autora de seguir as tendências inovadoras.

A descontração própria da conversa, do bom bate-papo, intercala-se com as informações históricas, tornando-as mais compreensíveis para o leigo, como em "O velho novo casamento":

"No *jogging* diário, cruzo com três senhoras encantadoras: chapeuzinho protegendo do sol, roupas

coloridas e uma pergunta no ar: como se casava no passado? Existia casamento, véu, grinalda, noiva virgem e tudo o mais? Respondo à mais curiosa delas: dona Conceição, viúva e agora 'noiva', prestes a se casar novamente. Durante muito tempo – explico-lhe – não era óbvio que o casamento fosse obrigatoriamente monógamo e fundado no consentimento de duas pessoas.

Primeiro, dona Conceição, o casamento cristão não é tão antigo quanto o cristianismo. Invenção medieval, casar-se na igreja só tornou-se corrente entre os séculos XII e XIII, progressivamente, unificando costumes muito diferentes.

[Seguem explicações sobre o Velho Testamento, Santo Agostinho, o casamento no Direito Romano, no Direito Germânico, no Brasil do século XVIII etc.]

Logo, em sua condição de viúva, posso assegurar-lhe que 'historicamente' a senhora não representa novidade! Não se preocupe com grinalda, nem véu branco... e muitas felicidades, dona Conceição!" (pp.33-36)

Sobre os temas em si, é possível reconhecer sempre uma análise singular e perspicaz do fato. Em "À procura do corpo perdido", por exemplo, a autora aborda a feiúra e a beleza e, por fim, defende que se respeite a individualidade bem como nossa brasilidade.

"Ora, o Brasil é um país mestiço. Nossos corpos são o resultado de uma longa história biológica em que se misturam índios, negros, brancos de várias procedências e amarelos. O resultado foram ancas, cabelos crespos, a maneira ondulante de andar – que Gilberto Freyre chamava de 'morenidade'. É preciso proteger e libertar nossa sociedade do que ela pode fazer com ela mesma. É preciso proteger nela sua integridade, sua identidade subjetiva e genealógica, a dignidade de suas formas e das suas cores originais contra o materialismo e o desmantelamento do corpo. Xô Barbies, próteses, anabolizantes, anoréxicas e oxigenadas! Abaixo a insistência em fabricar mulheres sem marcas nem diferenças capazes de individualizá-las. Num país onde são tantas as variáveis corporais, onde graças e desgraças são distribuídas de acordo com as diversas heranças biológicas e sociais, a imposição de um modelo

'perua' importada só é boa quando se trata de veículo de passeio sobre quatro rodas!" (p.22)

"Turistas e viajantes" dissecam as diferenças entre os que viajam para tentar adquirir *status* perante os amigos e os que viajam para aprender diferentes culturas. Nas palavras da autora:

"Distinguir, contudo, um turista de um viajante não é difícil: o primeiro traz na bagagem o efêmero. O segundo, uma lembrança para a vida inteira." (p.67)

O mais importante é destacar que todos os textos trazem reflexões sagazes e inteligentes, às vezes unindo o passado ao presente, como em:

"O Tribunal da Relação do Brasil, criado em 1609, rapidamente notabilizou-se como uma instituição corrupta. Numa aparente, apenas aparente, contradição, os colonizados pulavam em sua defesa cada vez que a Coroa agia contra os juízes explicitamente venais. Esse coito infernal era bom para ambos os lados. A Justiça que submetia os moradores da América portuguesa era rapace. A voracidade de meirinhos, escrivães e juízes, insaciável. Exatamente como a que revelou, 500 anos depois, o juiz Nicolau!" (p.71)

Para encerrar esta resenha, vale lembrar que Mary Del Priore ganhou o Prêmio Jabuti com a obra **História das mulheres no Brasil** e o Prêmio Casa-Grande & Senzala pela organização da obra coletiva **História das crianças no Brasil**.

Por tudo isto – pelo trabalho incansável como pesquisadora e escritora, pelo estilo autêntico e pelas reflexões lúcidas e diferenciadas –, fica a recomendação enfática da leitura de **Histórias do cotidiano**. O leitor seguramente ganhará muito nesse passeio e conversa com Mary Del Priore.

* Profa. Dra. - Universidade de São Paulo
Leitora da Universidade de Århus -
Dinamarca